



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8656040>

DOI: 10.20396/ideias.v10i0.8656040

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2019 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

E. P. Thompson: o debate das classes e o sujeito na história

Breno Augusto de Oliveira Santos¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre a categoria “classes sociais” e a noção de sujeito em E. P. Thompson, diante do debate crítico entre o historiador, o marxismo estruturalista e o economicista. A partir de acontecimentos como o XX Congresso do Partido Comunista da URSS, em 1956, maio de 68, na França, e o aparecimento dos “novos” movimentos sociais, será apresentado o modo como Thompson introduz categorias como “experiência” e “formação de classe”, dando ênfase à noção de sujeito que faz sua própria história.

Palavra-chave: Marxismo. Classes Sociais. Estruturalismo.

E. P. Thompson: the class discussion and the subject in history

Abstract: This article aims to present an analysis of the category “social classes” and of the notion of subject in E. P. Thompson, in the face of the critical debate between the historian, the structuralist Marxism and the economicistic Marxism. By exploring events such as the 20th Congress of the Communist Party of the URSS in 1956, May 68 in France, and the emergence of the “new” social movements, the article clarifies how Thompson emphasises the idea of the subject that makes his own story and, in that, introduces categories such as “experience” and “class formation”.

Keyword: Marxism. Social Classes. Structuralism.

E. P. Thompson: el debate de las clases y el sujeto en la historia.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: brenox4@yahoo.com.br

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar el debate sobre la categoría de clases sociales y la noción de sujeto en E. P. Thompson frente el debate crítico entre el historiador, el estructuralismo marxista y el economicista. A partir de eventos como el 20º Congreso del Partido Comunista de la Unión Soviética en 1956, Mayo de 1968 en Francia y el surgimiento de los “nuevos” movimientos sociales, se presentará la forma en que Thompson introduce categorías como experiencia y formación de clases, dando énfasis a la noción de sujeto que hace su propia historia.

Palabras clave: Marxismo. Clases Sociales. Estructuralismo.

Premissa: o sujeito de seu tempo

O historiador britânico E. P. Thompson contribuiu para o debate sobre as classes sociais, especialmente, em relação à teoria da luta de classes proposta por Marx e Engels. Crítico do marxismo ortodoxo, denominado por ele como “determinista”², procurou destacar os sujeitos reais e a luta de classes como elementos fundamentais no processo histórico, e fomentou um

² Entre os diversos trabalhos de E. P. Thompson, cuja crítica direciona-se ao determinismo do marxismo ortodoxo, destacam-se: *Agency and Choice* (1958), *A miséria da teoria ou um planetário de erros* (1981) e trabalhos organizados em *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos* (2001). Ressalta-se, neles, a crítica à perspectiva produtivista que prioriza as determinações estruturais, macroeconômicas e enviesadas pelo desenvolvimento das forças produtivas (FORMAGIO, 2017). De acordo com Formagio (2017), além dessa crítica, Thompson visou aquelas teorias que limitam a ação política dos sujeitos e condicionam os indivíduos às forças produtivas e suas condicionantes. Veja-se, por exemplo, a obra *A miséria da teoria ou um planetário de erros*, na qual, segundo o comentador, ficaria “perceptível [...] que Althusser é criticado enquanto integrante do grupo marxista que se afirma antistalinista, mas traz em sua interpretação e modo de agir muito do que caracterizou o stalinismo” (2017, p. 234). Esse modo de agir se apresenta na defesa de uma superestrutura que determinaria as ações de homens e mulheres reais. Nas palavras de Thompson: “Acima de nossas cabeças, nas altas academias, os inquisidores discutem, discordam violentamente, mas reconhecem a reputação uns dos outros. Afinal, arrancam-nos uma negação: uma negação da agência humana, da criatividade, uma negação de nós mesmos. Mas ao sairmos de sua tortura teórica vemos, pela janela, o processo da história se desenvolvendo. “E per’ si muove!”” (THOMPSON, 1981, pp. 122-123).

debate significativo tanto para o pensamento marxista em geral quanto para os autores brasileiros que receberam suas obras.

Intelectual engajado, rompeu com o Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB) em 1956, após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), por ocasião das denúncias dos crimes de Stálin e da invasão na Hungria (MATTOS, 2012b). A saída de Thompson do partido ocorreu após um profundo desgaste de membros do grupo de intelectuais com a direção do PCGB. Os motivos indicados foram os “choques” provocados entre a direção partidária e a postura teórico-metodológica dos historiadores; a visibilidade do grupo após as publicações de trabalhos em que colocavam no centro do debate a soberania popular e a democracia; e, por fim, a crise aberta pelo XX Congresso do PCUS e suas ações subsequentes na Hungria, o que levou à saída de outros intelectuais do PCGB (FORTES et al., 2001).

Após o rompimento, engajou-se na construção de uma “Nova Esquerda”. Fundou a revista *The New Reasoner* junto com John Saville em 1957 e, no final da década de 1950, promoveu a fusão da revista com a *Universities and Left Review*, de onde surgira, em 1960, a *New Left Review* (FORTES et al., 2001). Concentrou-se na crítica ao stalinismo e, no contexto dos debates em torno dos estudos culturais, dedicou-se à crítica de uma parte do marxismo que condicionaria a cultura à superestrutura (MATTOS, 2012a) e à determinação da classe operária na história, sendo ela considerada a única protagonista capaz de superar o capitalismo. Assim, em 1963, lançou a obra *The Making of the English Working Class*³, principal livro de sua produção intelectual, o qual remetia à dimensão cultural da classe, respondendo criticamente, naquele contexto, à história econômica, ao marxismo “dogmático” (marxismo-leninismo) e às pesquisas de matriz liberal (MATTOS, 2012c)⁴.

³ Publicado no Brasil na década de 1980 como *A Formação da Classe Operária Inglesa* pela editora Paz e Terra.

⁴ Para Mattos (2012c), ao contrário das teses liberais que abordavam a noção de classe a partir do consumo e de cálculos matemáticos de seu padrão de vida,

Toda sua produção teórica consistiu em dar destaque às ações de homens e mulheres na história, ao mesmo tempo em que atacava os modelos teóricos por ele considerados “estruturalistas” e “economicistas”. No final da década de 1970, o historiador publicou *The Poverty of Theory: Or an Orrery of Errors*⁵, polemizando com o filósofo Louis Althusser. De acordo com Palmer (1996), Thompson via um idealismo mecânico em Althusser, pois sua teoria consistiria em restringir toda a capacidade de intervenção humana à esfera superestrutural. Assim, a teoria althusseriana “reifica[ria] a base econômica, apreendida somente como modelo estático e não como relações de mudança e transformação” (PALMER, 1996, pp. 162-163).

Suas discordâncias e rupturas devem-se ao contexto intelectual e político de sua geração e às suas experiências daí advindas. Acontecimentos como a revelação de Krushev sobre os crimes de Stalin, a ação soviética em Budapeste e o impacto dos movimentos de Maio de 1968 sugeriam diversas novas questões aos cientistas sociais (ALVES, 2010; THERBORN, 1989).

É possível que as **experiências vividas** e **percebidas** por Thompson o levaram a ser um dos críticos mais incisivos ao marxismo stalinista, bem como um dos colaboradores envolvidos na produção de uma nova linguagem política marxista após os acontecimentos de 1956 e 1968 (THERBORN, 1989), os quais instigaram o desenvolvimento de um “novo movimento teórico” – uma nova história social – significativamente influenciado pela antropologia (ALEXANDER, 1987). Críticas ao modelo estrutural-funcionalista correspondiam, assim, ao clima intelectual da época, o qual era permeado por uma ampla variedade de explicações macroteóricas com determinações estruturais e objetivas de classe, de teorias ortodoxas e de teses que definiam a classe pela

Thompson indicava a posição de classe a partir da produção e na identificação de seus valores.

⁵ Publicado no Brasil no início da década de 1980 como *A miséria da teoria ou um planetário de erros* pela editora Zahar.

estratificação e capacidade de consumo (REIS, 1987; MATTOS, 2012c)⁶.

A obra *A Formação da Classe Operária Inglesa* buscou dar uma resposta à contradição entre **determinação estrutural** e **agência humana**, presente no interior da historiografia marxista (FORTES et al., 2001). O culturalismo – ou “viragem cultural” – tornou-se um campo fértil como contraponto ao que era visto como a linha estruturalista e determinista das classes sociais, ou seja, uma reformulação do conceito de classe, não como estrutura, mas como resultado do processo histórico (SILVA, 2009). A influência de Thompson, neste debate, ultrapassou as fronteiras tanto regionais quanto científicas, alcançando não somente os historiadores, mas também sociólogos, antropólogos, especialistas em educação, entre outros, pois ele abriu uma nova perspectiva analítica para as pesquisas que abordavam a luta de classes⁷.

Thompson foi um intelectual do seu tempo que procurou responder a questões pertinentes à vida dos trabalhadores e às teses que os subordinavam à economia ou ao seu **devir** histórico, um historiador crítico ao estruturalismo e ao marxismo stalinista e defensor da noção de que os sujeitos fazem a sua própria história. Assim, esta exposição trata das suas principais contribuições para o debate sobre as classes e a luta entre elas a partir de críticas às teses de Althusser e ao marxismo ortodoxo, bem como das suas contribuições para o debate sobre a relação entre estrutura e agência humana a partir da tese do **fazer da classe** com ênfase na categoria **experiência**.

⁶ Em uma entrevista realizada em 1976, Thompson afirmou que, no contexto da obra *A Formação da Classe Operária Inglesa*, havia uma tradição em que a “formação da classe operária era a de um processo determinado: energia a vapor + sistema industrial = classe operária”, definindo, assim, quantitativamente o proletariado e a consciência de classe (MERRILL, 2014, p. 8).

⁷ Sobre as influências das obras de Thompson, ver Palmer (1996).

Thompson e a crítica ao marxismo stalinista e estruturalista

A crítica ao modelo teórico stalinista permeia toda a produção intelectual de Thompson. A teoria desenvolvida pelos Partidos Comunistas no período de Stálin condicionou a análise de classe a partir de uma determinação econômico-tecnológica, ou seja, do desenvolvimento das forças produtivas e da superação do capitalismo como um fenômeno determinado e inevitável em razão desse desenvolvimento (MATTOS, 2012b). A luta de classes como motor da história, realizada pelos “sujeitos reais”, como sugere Thompson, teria desaparecido dos manuais do PCUS⁸.

Em vista disso, Thompson se encontrava num campo de renovação do marxismo anglo-saxão em que se destacaram jovens historiadores do PCGB, os quais, dissidentes do partido, formaram a “Nova Esquerda” (AMADEU, 2007). Thompson se contrapôs à tese do primado das forças produtivas como determinante da mudança histórica e buscou enfatizar as lutas de homens e mulheres para além do ambiente fabril e do operariado, pretendendo compreender o processo histórico no palco das relações sociais – no âmbito cultural, dos costumes e dos conflitos – em períodos anteriores à formação da classe. A importância de suas obras reside, sobretudo, no fato de ele ter aberto possibilidades de destacar, na história, os mais diversos agentes que passaram a formar a classe operária inglesa. As tradições populares e as experiências de grupos de trabalhadores durante a Revolução Industrial na Inglaterra

⁸ Há diversas análises sobre os determinismos da teoria marxista ortodoxa stalinista. Por exemplo, o debate crítico sobre a ausência de “sujeitos reais” na história realizado por autores como Thompson (1987) e Wood (2011), que indica o problema do economicismo para uma interpretação sobre a classe e a luta de classes no processo histórico. Ademais, outros trabalhos, como os de Lander (2007) e Bensaïd (2007), apontam que o modelo interpretativo do marxismo ortodoxo dos partidos comunistas determinava de forma mecanicista e teleológica a classe e a luta de classes a partir de seu condicionamento pela estrutura econômica.

constituíram a força do **fazer da classe**⁹. Assim, a concepção de que haveria uma finalidade determinada em última instância pela estrutura econômica a ser realizada por esse fazer foi duramente criticada a partir do entendimento de que as lutas populares não se limitavam ao operariado, mas compreendiam também outros agentes que, em suas tradições, costumes e lutas, constituiriam, no processo histórico, o próprio **fazer da classe**¹⁰.

Tratava-se, primeiramente, de resgatar o materialismo histórico e a dinâmica da luta de classes que, para Thompson, estavam ausentes da teoria, tanto no marxismo de Stálin quanto no de Althusser. O próprio Thompson, numa crítica irônica, descreveu que não “(...) se pode esperar que os filósofos compreendam a história (ou a antropologia, ou a literatura, ou a sociologia), mas Althusser é um filósofo, agindo em seu terreno próprio” (THOMPSON, 1981, p. 11). E continua mais adiante: “(...) um historiador de tradição marxista tem o direito de lembrar a um filósofo marxista que os historiadores também se ocupam, em sua prática cotidiana, da formação da consciência social e de suas tensões” (THOMPSON, 1981, p. 15). Acusou-o, ainda, de omitir os sujeitos reais, a ação e a luta de classes como motor da história, isto é, “o diálogo entre o ser social e a consciência social” (1981, p. 17).

Por isso, em oposição ao estruturalismo de Althusser, Thompson deu ênfase à subjetividade do ser social e à consciência social ao introduzir a categoria de **experiência** como elemento

⁹ Wood (2011) demonstrou que uma das críticas mais incisivas de Thompson contra o marxismo ortodoxo foi referente à sua visão mecânica e unilinear da história, a qual postula que todas as sociedades passariam por etapas de desenvolvimento, até chegar, inevitavelmente, ao socialismo. Todavia, para Wood, seria essa a visão de um determinado campo do marxismo que desconsiderou o materialismo histórico presente em Marx, materialismo esse sensível às especificidades históricas.

¹⁰ Assim, na obra *Tradicion, Revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedade pre-industrial*, Thompson (1984) demonstrou referências de lutas de classes sem classes, mas que foram primordiais para a formação da classe trabalhadora inglesa.

central da análise histórica dos “sujeitos”. Para Thompson, tal categoria seria determinante na compreensão das relações subjetivas que implicam suas ações e objetivos, pois seria essa experiência que exerceria uma pressão sobre a consciência social, propondo novas questões e proporcionando, por esse meio, um exercício intelectual mais elaborado. Nesse sentido, o historiador britânico indicou para Althusser que a “(...) experiência surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a elas e ao seu mundo” (THOMPSON, 1981, p. 16).

Mais do que crítico à teoria de Althusser, Thompson foi o intelectual que enfatizou o problema da adesão do marxismo britânico ao althusserianismo, o qual considerava uma continuidade do stalinismo. Segundo o modo de ver de Thompson, o modelo estruturalista era uma agressão política e teórica ao marxismo, já que negava o agir humano – *agency* (MÜLLER, 2013). Anderson (1985a) descreveu que Thompson procurava dar destaque à consciência e à atuação humana, e o fez a partir da categoria de **experiência**, a qual se tornou a chave intermediadora entre o sujeito e a consciência, visto que seria por meio dela que as classes aconteceriam e que os grupos se tornariam conscientes de seus valores e interesses antagônicos. A crítica central, portanto, de Thompson a Althusser e ao marxismo ortodoxo se fundamentava no fato de que as relações da experiência e a atuação humana foram desconsideradas. A **cultura popular**, as **tradições** e as **ações** de homens e mulheres foram substituídas pelo “determinismo histórico” e pela noção de “falsa consciência”. Segundo Thompson (2001), o “reducionismo econômico” levou as categorias do marxismo a serem noções estáticas e esquemáticas. A categoria de **classe**, por exemplo, foi abordada como segue:

Nos termos econômicos correntes, trata-se tão-somente de uma categoria gêmea daquela sociológica positivista. De um modelo estático de relações capitalistas de produção são extraídas as classes que devem corresponder e a “consciência” que deve corresponder às classes e a sua respectiva inserção.

Em uma forma comum, geralmente leninista, isso fornece uma boa justificativa para uma política de “substitutivos”, como aquela de uma “vanguarda” que saberia mais que a própria classe, quais seriam tanto o interesse verdadeiro quanto a consciência mais conveniente a essa mesma classe (THOMPSON, 2001, pp. 271-272).

Entende-se que a crítica de Thompson ao marxismo ortodoxo apontava para a concepção estática e positivista de classes sociais, com a expectativa de que, a partir do processo de desenvolvimento do capitalismo, o operariado tenderia à consciência classista e à revolução socialista liderada pela vanguarda da classe. O primado das forças produtivas determinaria, assim, as classes constituídas. Com relação a Althusser, Thompson entendia que o filósofo concebia as classes sociais numa perspectiva igualmente estática, a partir da estrutura e do modo de produção capitalista, ambos submetidos à reprodução ideológica. Para Thompson (1987), a classe deveria ser entendida como uma formação social e cultural e, desse modo, um historiador não poderia limitar-se às concepções deterministas da história, pois deveria ir “muito além do permitido pelos teleologistas, na qualidade de vida, nos sofrimentos e satisfações daqueles que vivem e morrem em tempo não redimido.” (THOMPSON, 2001, p. 172).

Por outro lado, compreende-se que a questão central para Althusser seria a determinação da ideologia sobre os sujeitos, pois não haveria sujeito sem ideologia e nem ideologia sem sujeito (CHAGAS, 2012). A ideologia é um todo complexo e é a partir dela que homens e mulheres vivem em relação com o seu mundo e o expressam (MOTTA; SERRA, 2014). Assim,

[...] os homens expressam, com efeito, não as suas relações nas suas condições de existência: o que supõe, ao mesmo tempo, relação real e relação ‘vívida’, ‘imaginária’. A ideologia é, então, a expressão da relação dos homens com o seu ‘mundo’, isto é, a unidade (sobredeterminada) da sua relação real e da sua relação imaginária com as suas condições de

existência reais. [...] É nessa sobredeterminação do real pelo imaginário e do imaginário pelo real que a ideologia é, em seu princípio, ativa, que ela reforça ou modifica a relação dos homens com as suas condições de existência, na sua própria relação imaginária (ALTHUSSER, 2015 apud, MOTTA; SERRA, 2014, p. 129).

Entretanto, Thompson considerava que a teoria althusseriana reduzia a ação de homens e mulheres ao circuito da reprodução estrutural, proporcionando a interpretação de um processo sem sujeito, já que os sujeitos estariam submetidos à ideologia e, portanto, à reprodução.

A crítica não ficou restrita a Althusser, mas abrangeu toda produção teórica que, para Thompson, eliminava a autonomia do sujeito em relação à estrutura¹¹. Crítica, ademais, que seria realizada não somente pelo historiador britânico, mas também por outros autores, especialmente na França, onde ocorrera uma determinada crise na década de 1970 que ficou evidenciada a partir dos debates em torno da **ação (agência)** e da **estrutura**, em parte impulsionados pelas ondas de manifestações pós-Maio de 1968¹².

Para Amadeo (2007), Maio de 1968 propôs ao marxismo althusseriano uma questão que permeou a teoria social: “como explicar a irrupção espetacular de estudantes, operários e outros sujeitos coletivos” (2007, p. 59). O inesperado levante estudantil produziu uma gama de questionamentos em relação à agência e estrutura. Com os acontecimentos daquele ano, Thompson descreveu:

¹¹ O debate em torno da **ação** e **estrutura** encontrava-se para além do marxismo. Outras teorias passaram por profundas críticas nas décadas que sucederam maio de 1968, notadamente acerca do papel dos sujeitos na história (ALVES, 2010). Tais críticas foram, não raro, levadas a cabo por movimentos sociais. Como exemplo, é possível mencionar a crítica de François Dubet presente na obra **Sociologia da Experiência** em relação à teoria estrutural-funcionalista de Parsons.

¹² Um balanço sobre o debate teórico no interior do marxismo referente às categorias de sujeito e de estrutura encontra-se em Anderson (1985b).

[...] maio de 1968 acabou em poucos dias; as lutas trabalhistas como as da greve dos mineiros britânicos, que derrubou um governo, foram realizadas sem a necessidade de qualquer participação intelectual. [...] claro que, aqui e ali, eclodiram lutas reais, e alguns camaradas ganharam uma experiência autêntica na intensa vida interna desta ou daquela seita. Mas em geral pode-se dizer que nunca houve uma geração de intelectuais socialistas no Ocidente com menos experiência da luta prática, com menos senso das iniciativas tomadas nos movimentos de massa, com menos senso daquilo que os intelectuais podem aprender com homens e mulheres de experiência prática, e das próprias dívidas de humildade que o intelecto deve pagar por isto. (THOMPSON, 1981, p. 204).

Para Thompson, à revelia dos acontecimentos de pós-maio de 1968, em que experiências importantes se apresentavam aos olhos dos intelectuais, percebia-se um “novo elitismo” intelectual de homens “iluminados” e “esclarecidos”:

O que é muito óbvio é que esse novo elitismo se coloca como um sucessor direto numa velha linhagem: benthamismo, “os letrados” coleridgeanos, fabianismo e leavisismo do tipo mais arrogante. Mais uma vez os intelectuais - um grupo escolhido entre eles - receberam a tarefa de iluminar o povo. Não há traço mais característico dos marxismos ocidentais, nem mais revelador de suas premissas profundamente antidemocráticas. Seja Escola de Frankfurt ou Althusser, estão marcados pela sua acentuada ênfase no peso inelutável dos modos ideológicos de dominação - dominação que destrói qualquer espaço para a iniciativa ou criatividade da massa do povo - uma dominação da qual só uma minoria esclarecida de intelectuais se pode libertar (THOMPSON, 1981, p. 205).

A crítica ao que ele denomina como “elitismo” intelectual visaria uma *intelligentsia* sem prática política fora da teoria, aquela que sujeita o proletariado à ideologia e às determinações objetivas da história, anulando qualquer possibilidade de autonomia do sujeito (THOMPSON, 1981). Há uma oposição evidente a esse “elitismo” em todo seu trabalho intelectual, em que a ação humana é destacada, as experiências são evidenciadas e a consciência coletiva (de classe) manifesta-se em lutas históricas da classe trabalhadora. Thompson foi um historiador marxista humanista, um teórico da *agency*, ou seja, pautado na crença de que homens e mulheres deteriam certa autonomia e controle de suas vidas. Nas palavras de Wood:

Na oposição entre “economicismo cru” e “humanismo marxista”, ele seria um comunista para quem as leis dão lugar à vontade e à ação humana arbitrárias. No debate entre althusserianos e culturalistas, ele é um culturalista – talvez o primeiro deles – para quem determinações estruturais se dissolvem na “experiência” (2011, p. 53).

Esse culturalismo foi também uma resposta às macroteorias predominantes em uma época de explicações sociais que recorriam à estrutura, ao funcionalismo e outras vias, em cujo horizonte repousava a ideia de desenvolvimento das forças produtivas. Retoma-se, assim, a agência humana, a importância da ação de homens e mulheres para sua própria história.

A agência humana como resposta à estrutura

Como foi visto, o final da década de 1950 e a década subsequente foram marcadas pela produção intelectual antiautoritária e antistalinista (CHRISTOFFERSON, 2014)¹³. Este

¹³ Christofferson (2004) apresenta em sua obra, *French intellectuals against the Left. The antitotalitarian moment of the 1970s*, o movimento crítico realizado por

movimento está presente nas obras de Thompson no que se refere à sua crítica em relação ao determinismo estrutural e econômico sobre a *agência humana*. Em 1958, dois anos após a dissidência do PCGB, o historiador britânico publicava na *The New Reasoner* o artigo *Agency and Choice*, indicando a crítica ao modelo stalinista e reafirmando a importância da agência humana (MATTOS, 2012c). Nele, Thompson afirma que o stalinismo produziu a negação da **agência**, o que equivalia a dizer que homens deixariam sua liberdade para serem subordinados a determinados processos. Em contraposição a isso, afirmou que, teoricamente, “os homens são livres para escolher e mudar seus arranjos sociais” (THOMPSON, 1958, p. 90). Tanto o artigo publicado na *The New Reasoner*, quanto em outros trabalhos, Thompson procurou valorizar a **agência humana**, reafirmando a autonomia dos sujeitos em relação à estrutura. Sua ênfase sempre se direcionou à ação coletiva, tanto em momentos anteriores à classe, como no momento de sua formação. Para isso, utilizou a categoria **experiência** como intermediadora entre sujeito e processo.

Ademais, como um investigador das ações humanas, procurou inserir a importância de elementos presentes no convívio social, como a cultura e a tradição. Após a publicação de *The Making of the English Working Class*, decidiu pesquisar tempos anteriores à Revolução Industrial, dando importância aos costumes e averiguando elementos que permeavam as relações sociais da vida plebeia (THOMPSON, 2001). A atenção de Thompson convergia para entender como o costume se manifestava na cultura dos trabalhadores e, conseqüentemente, como influenciava a formação da consciência e a organização de classe. Assim, procurando compreender os conflitos do século XVIII, em momentos de plena transformação da sociedade inglesa, em que “a conduta não econômica baseada nos costumes estão em conflito, um conflito

intelectuais na França em relação ao totalitarismo após a revelação dos crimes de Stálin em 1956 e a repressão soviética na Hungria naquele mesmo ano. Esse mesmo movimento ocorreu entre os intelectuais ingleses, dentre os quais se destacou E. P. Thompson.

consciente e ativo, como que numa resistência aos novos padrões de consumo [...]”, é que “[...] é possível perceber o delineamento das subsequentes formações de classe, bem como da consciência de classe [...]”. (THOMPSON, 1998, p. 21).

Com a publicação de *The Making of the English Working Class*, a **agência humana é apresentada** na teoria do **fazer-se** da classe, de modo a afirmar que “a classe” é uma relação histórica, um fenômeno histórico, e que ela ocorre a partir de acontecimentos díspares, tanto da experiência como na consciência (THOMPSON, 1987a). A **formação de classe**, nesse sentido, ocorre somente a partir das experiências coletivas que se imbricam diretamente com determinadas peculiaridades, como cultura e tradição. A **agência humana**, dessa forma, poderia ser determinada na maneira como homens e mulheres reagem às mudanças cotidianas, e essas, por sua vez, implicam diretamente o seu modo de vida.

Por isso, como historiador e investigador das “práticas cotidianas”, Thompson direcionou sua crítica a toda teoria que negou os “**sujeitos reais**”, e que impossibilitou a reflexão sobre a **ação** da classe¹⁴. Ele afirma que:

Nenhuma categoria histórica foi mais incompreendida, atormentada, transfixada e des-historizada do que a categoria de classe social, uma formação histórica auto definidora, que homens e mulheres elaboram a partir de sua própria experiência de luta, foi reduzida a uma categoria estática, ou a um efeito de uma estrutura ulterior, das quais os homens não são os autores, mas os vetores (THOMPSON, 1981, p. 57).

Apesar da sua crítica à teoria proposta por Althusser, entende-se que o filósofo francês não rejeitou a dinâmica da luta de classes presente nas relações de produção. Como afirmou

¹⁴ Para Müller (2013), Thompson entenderia que o modelo estruturalista de Althusser, por exemplo, “desprezaria” a história e condicionaria o agir humano à estrutura. Nesse sentido, a perspectiva althusseriana aceitaria a “crença de que ‘o povo’ não faz sua própria história e ‘as pessoas’ seriam meros portadores de estruturas e, conseqüentemente, o ‘verdadeiro objeto da história’ (evidência histórica) seria inacessível ao conhecimento” (p. 5).

Martín (2014), Althusser não desprezaria a ideia de **complexidade** e a riqueza da história; ao contrário, as compartilharia com o próprio Thompson. Contudo, dada a crítica à teoria althusseriana do “processo sem sujeito” (MARTÍN, 2014)¹⁵, Thompson, a partir de sua pesquisa, procurou problematizar as ações humanas na história, mesmo em tempos em que a luta de classes se constituía sem a classe estar propriamente formada. São exemplos os motins da plebe e seu contrateatro¹⁶ (THOMPSON, 1998), bem como suas resistências às mudanças de preços dos produtos básicos mantidos pelas relações tradicionais¹⁷.

A autonomia da ação humana em relação à estrutura aparece em **A economia moral da multidão inglesa do século**

¹⁵ Martín (1994; 2014) procurou demonstrar que haveria um equívoco na polêmica em torno da categoria **sujeito** no debate entre Thompson e Althusser. Entre os entraves dessa polêmica haveria uma leitura errônea de Thompson à proposta althusseriana para a noção de sujeito (MARTÍN, 1994). De acordo com o autor, a importância da tese de Althusser foi permitir compreender como a ideologia opera nas relações e ações humanas, pois evidentemente os homens atuam na história, mas não seriam **sujeitos** livres de determinações (MARTÍN, 2014). Desse modo, o equívoco da leitura de Thompson ocorreria por ele não compreender a tese de Althusser, a qual permitiria entender os agentes do processo, o lugar e como esses agentes atuam. Martín (1994) esclarece que, dessa maneira, pode-se identificar um duplo caráter na noção de sujeito, ou seja, “‘sujeito de’ y como ‘sujeito a’ la historia” (p.11). Para o autor, não “se trata de negar a ação humana, senão de fazê-la inteligível” (MARTÍN, 2014, p. 136).

¹⁶ Thompson (1996) indicou que o contrateatro seria uma das características da ação popular. Para Müller (2008), o teatro em Thompson representaria a política, uma representação do poder, e o contrateatro seriam os protestos dos movimentos populares. De acordo com o autor, “a esfera teatral do exercício do poder político busca conformar os governados, manter seu consentimento, ativo ou passivo; perpetuar o respeito às normas, valores e símbolos; fixar os limites do politicamente possível e tolerável.” (2008, p. 1).

¹⁷ Sobre as relações de preço de produtos básicos dos trabalhadores ingleses no período anterior à Revolução Industrial, ver: **A economia moral da multidão inglesa do século XVIII** (THOMPSON, 1998).

XVIII, onde sustenta que os motins da fome na Inglaterra foram formas de ação direta disciplinadas e com objetivos, cujo ponto de partida era suas tradições e costumes. O autor indica que as ações coletivas da plebe não foram meras reações esporádicas, mas uma reação coletiva e organizada contra os aumentos de preço dos grãos. Nesse sentido, Thompson escreve que os motins eram provocados “(...) quando os preços não baixavam depois de uma colheita abundante, indicando um confronto consciente entre o produtor relutante e o consumidor irado” (THOMPSON, 1998, p.164). Os diversos motins analisados pelo autor reafirmam a ideia do agente histórico, pois somente a partir da ação coletiva é que a plebe superava as transformações das relações sociais pressionadas pelo livre mercado. Foi a partir da economia moral, ou seja, uma economia baseada nos costumes de uma sociedade pré-capitalista, que homens e mulheres conquistavam a permanência de velhos direitos sociais e econômicos pautados e aludidos pelo costume e pela tradição.

Portanto, foi a partir dos levantes populares que o autor resgatou, por meio de fontes historiográficas, uma permanente luta de classes – aludindo à análise de Marx e Engels (2001) – entre patrícios e plebeus, senhor e servo, mestre e oficial e, posteriormente, burguesia e proletariado. Deste modo, os motins da plebe ganharam importância no motor da história no marxismo, a saber, na luta de classes e, por conseguinte, na luta entre opressores e oprimidos. Thompson destacou:

Embora essa economia moral não possa ser descrita como “política” em nenhum sentido mais avançado, tampouco pode ser descrita como apolítica, pois supunha noções definidas, e apaixonadamente definidas, do bem-estar comum – noções que na realidade encontravam algum apoio na tradição paternalista das autoridades; noções que o povo, por sua vez, fazia soar tão alto que as autoridades ficavam, em certa medida, reféns do povo (THOMPSON, 1998, p. 152).

A **agência humana** aparece na ação popular, nas organizações dos trabalhadores, nas ações da plebe, nas pressões que os motins provocavam e nas mais variadas formas de embates que representaram a luta de classes, as quais se expressaram em derrotas ou vitórias de artesãos, camponeses e outros trabalhadores. De acordo com Thompson (1998, p. 183), os “pobres sabiam que a única maneira de forçar os ricos a ceder era torcendo-lhes o braço”.

Foi dessa forma que Thompson procurou compreender um processo histórico em transformação, a partir dos conflitos sociais entre interesses opostos – entre classes antagônicas – que possibilitaram a formação política do proletariado. Esse movimento histórico poderia ser remetido à forma como Antonio Gramsci indicou as relações de dominação ideológica e as lutas a partir de conceitos como *bloco histórico* e *hegemonia*¹⁸, conceitos esses que permitem pensar as lutas entre as classes dominantes e as classes dominadas nos campos culturais, sociais e políticos. Portanto, é com lastro nas experiências históricas da classe em plena formação que se constitui uma “consciência de classe”, identidade e interesses unificados contra os interesses de outras classes (THOMPSON, 1987b), produzindo, dessa maneira, uma contra hegemonia. A consciência referida por Thompson é tanto individual quanto coletiva, resultante de experiências, e influenciadora do próprio **fazer** da classe. Classe que também é resultado de experiências (individual e coletiva) e se constitui no estabelecimento de meios e intercâmbios com outros sujeitos (VITORINO, 1998).

O propósito de Thompson parece ter sido demonstrar que os sujeitos não estariam condicionados exclusivamente a uma estrutura, pois, para ele, os homens vivem sua própria história, lutam e resistem de acordo com seus interesses. Assim, o autor sustentaria, em tese, a existência do ser social (sujeito em si, que adquire e compartilha suas experiências) e coletivo (em que as experiências comunitárias dialogam juntamente com a cultura,

¹⁸ De acordo com Galastri (2009), a noção de bloco em Gramsci refere-se à vontade coletiva no interior de determinadas relações de produção, e se apresenta em formações históricas que enfrentam períodos de transição.

costumes e tradições), intercedendo em relação às sujeições estruturais, sendo a experiência a intermediadora entre o ser e a consciência. As experiências coletivas (vividas e percebidas) reformulariam a consciência de homens e mulheres a partir das relações com as estruturas e com o processo histórico. Por isso, o historiador afirma que **“a estrutura é transmutada em processo e o sujeito é reinserido na história”** (THOMPSON, 1981 apud VITORINO, 1998, p. 170). Compreende-se, assim, que a formação da consciência coletiva – consciência de classe – resultante das experiências permite aos sujeitos formularem estratégias e ações contra as imposições da classe dominante e das estruturas vigentes.

Ao enfatizar os sujeitos e suas lutas intermediadas pela experiência, Thompson tornava-se um dos principais representantes críticos do determinismo histórico, procurando evidenciar a luta de classes como motor da história. Por isso, sua preocupação historiográfica foi destacar os diversos conflitos observados em suas fontes, ampliando-se, assim, os horizontes de lutas e retomando os conflitos anteriores à constituição da estrutura fabril como o processo de consolidação da Revolução Industrial. Foi ampliando os horizontes de lutas e das formas de organização coletiva dos trabalhadores que suas obras abriram possibilidades de compreensão e reflexão científica acerca da relação entre a noção de estrutura e a de **agência humana**. Estas noções, que estiveram presentes nos debates das ciências humanas entre a década de 1970 e 1980, ganharam espaço a partir do fenômeno dos “novos movimentos sociais” ocorrido na década de 1960, provocando o seguinte questionamento: “são os atores sociais que constituem o sujeito da história ou a história é dotada de uma lógica imanente, constituindo um processo sem sujeito?” (ALVES, 2010, p. 20).

A importância intelectual de Thompson foi a de reinserir o **processo** e a **agência humana** a partir do conceito de *experiência*, o qual aparece como mediador entre o ser social e a consciência social, entre estrutura e processo. Em suma, o historiador inglês abriu possibilidades no interior do marxismo para além do estruturalismo e do economicismo, enfatizando a **agência humana** a partir de sujeitos que se organizam e lutam de acordo com seus interesses. Produziu, assim, uma ampliação da luta de classes e, sobretudo,

do conceito de classe, direcionando sua crítica, tanto em relação às noções “essencialistas”, como às estáticas. Por isso, a noção thompsoniana de classe, mediada pela categoria de **experiência**, foi adotada por outras áreas científicas, para compreender, em contextos específicos, as diversas formas de organização e luta dos trabalhadores. Em razão disso, essa categoria deve ser examinada a seguir, visto que ela se tornou um elemento chave para entender a formação de classe e a luta de classes.

O sujeito na história e a experiência como categoria chave.

Foi a categoria de **experiência** que permitiu a Thompson dar ênfase aos sujeitos e às suas relações sociais, políticas e culturais. A experiência é a forma de mediação entre os sujeitos e sua consciência social, entre estrutura e **agência humana**. Para Thompson (1981), a **experiência** seria, dessa forma, uma categoria crítica central, pois homens e mulheres não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, mas também como sentimento, e lidam com esse sentimento em relação à cultura, normas e valores. Essa experiência pode ser tanto uma **experiência vivida** (que se processa ao longo da vida segundo seus padrões de ver o mundo e vivenciadas pelos sujeitos numa realidade concreta) quanto uma **experiência percebida** (sintetizada no estabelecimento da consciência social)¹⁹ (MARTINS, 2006). Segundo Martins (2006), Thompson procurou entender a experiência na vida de homens e mulheres reais e, assim, compreender o diálogo existente entre o ser social e a consciência social, ou seja, o entendimento do papel dos sujeitos que, no fazer da classe, vivem sua própria história²⁰.

¹⁹ A experiência vivida trata-se das experiências vivenciadas pelos sujeitos, as quais dialogariam com normas, valores, cultura, tradições, família e religião. A experiência percebida é aquela que dá significação à consciência social, mas não como consciência de classe. A consciência de classe, no sentido da formação de classe, se desenvolve no processo de luta, quando homens e mulheres vivenciam e articulam situações de classe (WOOD, 2011).

²⁰ De acordo com Wood (2011), foi este o desafio do autor em seus escritos

Por essa razão, a noção de **experiência** propõe superar a contradição entre a determinação estrutural e a ação humana. No prefácio do primeiro volume de **A Formação da Classe Operária Inglesa**, Thompson afirma que a classe deveria ser entendida como um fenômeno histórico que se constitui quando pessoas articulam a identidade de seus interesses e compartilham as mesmas experiências. A categoria **experiência** seria, assim, crucial para compreender a formação da classe, na medida em ela propicia a mediação entre as relações de produção e a consciência social (SEWELL JR., 1990). Dessa forma, a experiência vivida possibilitaria a forma da consciência e, por meio dela, o agir como classe seria viabilizado (WOOD, 2011).

Em referência à obra **Senhores e Caçadores**, Melo Júnior (2014) aduz que, para Thompson, as experiências cotidianas presentes no processo histórico são o palco da ação social e, por meio dele, são construídas as experiências formadoras das lutas de classes. O processo histórico e as diversas transformações sociais afetam o cotidiano e, em constantes objeções e oposições às mudanças, os sujeitos passam a reivindicar interesses intrinsecamente coletivos. Desse modo, “[...] as ações de homens e mulheres reais são os retratos mais fiéis das experiências sociais e históricas organizadas e a formação das classes sociais acontecem enquanto fenômenos da experiência social e histórica” (MELO JÚNIOR, 2014, p. 400). Nesse espaço que se produz entre a agência e a formação da classe, a experiência possibilitaria o sentido da ação, preenchendo, por sua vez, as mais diversas formas da vida social da classe, espelhadas em suas instituições, culturas e outros elementos da vida.

históricos: enfatizar as relações que constituem o processo histórico, e compreender como as relações de produção, exploração e dominação dão formas aos aspectos da vida, mas, sobretudo, como as experiências possibilitaram o fazer da classe. Neste caso, para Wood (2011, p. 61), “[...] sua argumentação contraria tanto concepções reducionistas de causalidade que dissolvem a especificidade histórica quanto de determinação econômica em que se adia indefinitivamente a determinação”.

Dadas as diversas análises apresentadas nas obras de Thompson, tais como as que abordam o metodismo e o radicalismo político na história inglesa, é importante exemplificar como as experiências são significativas para **o fazer da classe**. Para Arruda (1995), foram com as experiências após o século da Revolução Gloriosa, com a igreja dos excluídos, que a semente da “árvore da liberdade” se desenvolveu no solo da classe trabalhadora com sentimentos radicais e democráticos, resultando, a partir dessas experiências, numa consciência de classe. Assim, nos processos de lutas, as tradições e experiências históricas não propriamente econômicas tornaram-se elementos constitutivos da consciência coletiva. Acontecimentos, como a perda de direitos costumeiros, de terras e de condições de trabalho, foram significativos para a formação de uma consciência coletiva, possibilitando, dessa forma, **o fazer da classe**.

Nesse sentido, foram nas décadas subsequentes à Revolução Industrial que as transformações na vida cotidiana se revelaram mais evidentes e que os trabalhadores agiram como classe. Isso significou que, nas primeiras décadas do século XIX, a classe operária definiu sua ação política de forma organizada:

[...] a partir de sua experiência própria e com o recurso à sua instrução errante e arduamente obtida, os trabalhadores formaram um quadro fundamentalmente político da organização da sociedade. Aprenderam a ver suas vidas como parte de uma história geral de conflitos entre, de um lado, o que se definia vagamente como “classes industriais” e, de outro, a Câmara não-reformada dos Comuns. De 1830 em diante, veio a amadurecer uma consciência de classe, no sentido marxista tradicional, mais claramente definida, com a qual os trabalhadores estavam cientes de prosseguir por conta própria em lutas antigas e novas (THOMPSON, 1987b, p. 304).

Se a classe se cristaliza no processo de luta, foram as **experiências** incorporadas de tradições e costumes em conflito

com as novas relações de produção, com o Estado e com a circulação de ideias compartilhadas pelas associações operárias e meios de comunicação de época, que proporcionaram o **fazer da classe**. Nesse sentido, a categoria de **experiência** permite mediar as relações entre “sujeitos reais” e a estrutura, explicar o desenvolvimento da consciência e a dinâmica da ação (luta de classes).

Além disso, outros elementos estariam incutidos nas experiências coletivas de homens e mulheres, e Thompson explicita-os no último volume da *Formação da classe operária inglesa*. Elementos como identidade, tradição e cultura popular dialogavam com as grandes transformações do final do século XVIII na Europa, como os impactos da Revolução Industrial e a Revolução Francesa, e seus efeitos no século subsequente. A idealização de *Liberté, Égalité, Fraternité* se estenderia para além das fronteiras da França, e apareceria em discursos de figuras radicais na Inglaterra²¹. Além disso, outros movimentos, como os owenistas²² e a tradição radical dos velhos jacobinos, estariam no imaginário de uma parcela da população inglesa. Haveria, assim, um processo histórico em

²¹ Thompson resgata algumas dessas figuras influenciadas com os ideais da Revolução Francesa. “Hazlitt tinha uma sensibilidade complexa e admirável. Foi um dos poucos intelectuais que receberam o pleno impacto da Revolução Francesa e, embora rejeitasse as ingenuidades do Iluminismo, reafirmou as tradições da *liberté* e da *égalité*” (THOMPSON, 1987b, p. 344).

²² O owenismo foi um importante movimento na Inglaterra liderado pelos ideais de Robert Owen (1771-1858), considerado por Karl Marx e Friedrich Engels como um socialista utópico. O idealismo de uma sociedade cooperativista, defendida por Owen, foi duramente criticado por Marx e Engels (2001) e por Engels (2011). Nas palavras de Engels, o socialismo utópico de Owen seria uma “sala confusa de críticas pouco construtivas, de doutrinas econômicas e de representações de sociedades futuras, e que varia segundo os diferentes teóricos, e revela antes a realidade ambiente, tanto mais rapidamente quanto o ardor da polêmica apara as arestas, como se arredondam os seixos no fundo de um regato. Mas tudo não saía do terreno da utopia. Para fazer do socialismo uma ciência, era necessário antes de tudo colocá-lo nos seus termos realmente possíveis” (2011, p. 66).

transformação, promovendo experiências transformadoras para uma população que sentia profundos efeitos em seu cotidiano.

O que antecedeu o **fazer da classe**, para Thompson, foi o que homens e mulheres lograram em suas **experiências vividas**, ou seja, as profundas transformações estruturais da sociedade inglesa e as consequências dessas mudanças. Ele procura sempre explicitar que esses mesmos indivíduos, homens e mulheres, não estariam alheios aos acontecimentos; ao contrário, foram protagonistas de sua própria história, e este protagonismo se destacou a partir de sua coletividade, ou seja, no fazer da classe.

A peculiaridade para a formação de uma classe estaria na maneira como esses mesmos homens e mulheres enxergam o mundo, o que implicaria a tradição e a cultura. Ademais, o contexto inglês de época com as agitações populares e com as insatisfações de outros setores da sociedade, como os intelectuais, as alas religiosas e a imprensa radical e operária, apresentaria um cotidiano movimentado, influenciando, desse modo, as experiências vividas e percebidas.

Assim, num contexto em que, cada vez mais, artigos e livros circulavam entre os mais pobres, a alfabetização expandia-se entre as associações dos trabalhadores e oradores passavam a atrair multidões: um “trabalhador analfabeto podia andar quilômetros para ouvir um orador radical, da mesma forma como ele (ou um outro) andaria para escutar um sermão” (THOMPSON, 1987b, p. 304-305).

Para Thompson, essa educação levou à circulação do conhecimento e inseriu os trabalhadores no debate político da luta pelo “sufrágio universal”. Esse conhecimento circulava no momento em que muitos operários frequentavam espaços como escolas dominicais, escolas operárias, associações, clubes de leituras e ambientes onde discursos, jornais e panfletos poderiam ser espalhados com facilidade.

O costume de ler em voz alta os periódicos radicais para proveito dos analfabetos, também redundava – como consequência necessária – num grupo de discussão

ad hoc a partir de cada leitura: Cobbett expusera seus argumentos, o mais diretamente possível, e a seguir os tecelões, malharistas ou sapateiros discutiam-os (THOMPSON, 1987b, p. 340).

Ademais, greves e prisões de intelectuais radicais propiciaram oportunidades para que as **experiências vividas e percebidas** reformulassem a consciência do operariado inglês. A identidade amadurecida dentro e fora do ambiente de trabalho foi significativa, na indicação de Thompson, para que a consciência de classe se desenvolvesse e se tornasse cada vez mais representativa em sindicatos, associações e cooperativas de múltiplas categorias.

Os acontecimentos no final do século XVIII (Revolução Industrial e a Revolução Francesa) e seus reflexos sociais, econômicos e políticos no século XIX, contribuíram para a **formação de classe**, mas essa mesma formação se consumaria somente durante a agitação popular pela Lei da Reforma em 1832, incluída, nos anos que a antecederam, a luta pelo sufrágio universal masculino que, posteriormente, se desenvolveria no movimento cartista no final dos anos de 1830²³. Segundo Thompson:

O novo tom depois de 1832 é inequívoco. Em todos os distritos industriais, uma centena de experiências comprovou a nova consciência de classe que o Projeto com suas próprias disposições, tinha definido tão cuidadosamente. Foi a Câmara “reformada” dos Comuns que aprovou a deportação dos diaristas de Dorchester em 1834 (“um golpe dirigido contra todo um conjunto dos trabalhadores unidos”),²⁴ e lançou com “o documento” e a greve patronal, a luta para

²³ O cartismo foi um movimento popular iniciado por artesãos londrinos nos anos de 1830 na Inglaterra baseado na Carta do Povo e endereçado ao Parlamento inglês. Ele reivindicava uma série de direitos políticos, entre os quais, o sufrágio universal.

²⁴ De acordo com Thompson, essas palavras foram do líder cartista e tecelão Willian Rider no ano de 1834.

quebrar os sindicatos, cuja intensidade e significado (em termos políticos e econômicos) ainda são muito pouco compreendidos (THOMPSON, 1987b, p. 432).

Thompson ainda afirma que o movimento efervescente de luta dos trabalhadores que ocorreu durante o Projeto de Reforma no ano de 1832, e que se desenvolveu no cartismo no final daquela década, seria um encontro com outros movimentos que convergiriam em um único ponto, o voto. Nesse sentido, o que se desenvolve em sua obra, e que já explicitamos anteriormente, é que a classe não nasceu pronta e não tem a consciência determinada. Antes, se constitui num processo contínuo de luta e se forma não somente de acordo com suas relações com os meios de produção, mas com seu modo de vida, tradições e cultura. Além disso, Thompson demonstra que o processo de luta do operariado inglês implicou também no processo de formação de classe e que esse mesmo processo não estaria isolado de outras lutas existentes naquele determinado contexto, pois dialogaria com outros movimentos insurgentes.

Dessa forma, intelectuais de classe média, a herança radical jacobina e owenistas influenciaram as organizações de grandes manifestações em 1832²⁵. As agitações populares passaram a ter como característica central, de acordo com Thompson, a presença massiva da classe trabalhadora inglesa e o amadurecimento de suas reivindicações. Trata-se do sazonalamento de uma consciência de classe.

A nova consciência de classe dos trabalhadores pode ser vista em dois aspectos. De um lado, havia uma consciência de identidade de interesses entre trabalhadores das mais diversas profissões e níveis de

²⁵ Segundo Thompson (1987c), os owenistas representavam uma parcela significativa do operariado inglês, mas começaram representando “apenas a *intelligentsia* dos artesãos”. Passaram a influenciar uma grande parcela dos trabalhadores ao organizar grandes manifestações nos primeiros anos da década de 1830.

realização, encarnada em muitas formas institucionais e expressa, numa escala sem precedentes, no sindicalismo geral de 1830–34.

Por outro lado, havia uma consciência de identidade dos interesses da classe operária, ou “classes produtivas”, enquanto contrários aos de outras classes; dentro dela vinha amadurecendo a reivindicação de um *sistema alternativo* (THOMPSON, 1987b, p. 411).

Para Thompson, a classe trabalhadora durante a década de 1830 encontrava-se feita, dado as explosões reivindicativas e as sequentes manifestações naquele período. Visto que a classe e a consciência de classe são, para ele, a última instância do “processo histórico real” (THOMPSON, 2001), a ebulição política e as sucessivas manifestações em diversas cidades inglesas indicariam, para o autor, uma classe formada.

“O dano efetivo que esses dois homens [Owen e Hodgskin] causaram em alguns aspectos é incalculável”, observou Francis Place. O “dano” se inscreve entre os anos 1831-5. E, neste ponto, alcançamos os limites deste estudo, pois num certo sentido a classe operária não está mais no seu fazer, mas já foi feita. Transpor o limiar de 1832 para 1833 é entrar num mundo onde a presença operária pode ser sentida em todos os condados da Inglaterra e na maioria dos âmbitos da vida (THOMPSON, 1987b, p. 411).

Em suma, o conceito de **experiência** permitiria não somente compreender as formas de luta dos trabalhadores, suas organizações, tradições e cultura, mas também como os trabalhos de Thompson se posicionam em relação a uma teoria da ação social crítica do predomínio das determinações estruturais. Assim, explica-se porque o conceito de **experiência** foi tão fundamental não apenas para pensar a realidade histórica da classe trabalhadora inglesa, mas para pensar os processos históricos contemporâneos, e como a classe e a consciência de classe se formariam juntas na

experiência, sendo assim, uma formação imanente (VENDRAMINI, 2004).

Portanto, esse conceito permitiria esquivar os sujeitos das lógicas da reprodução estrutural e apresentá-los como realizadores da sua própria história. Desse modo, tanto a cultura quanto as tradições, elementos constituintes da vida social, são significativas no **fazer da classe**, mas é a **experiência** (vivida e percebida, herdada e compartilhada) que possibilitaria a mediação entre o ser social e a estrutura, e entre a ressignificação da vida social e a consciência social. Por essa razão é que a luta de classes precede a classe, o que pressupõe uma experiência em conflito e de lutas que surgem nas relações de produção, ressignificando a consciência coletiva no processo de sua formação.

Considerações Finais

Afinal, como definimos os sujeitos na obra de Thompson? Os sujeitos são homens e mulheres reais presentes em suas fontes históricas e que se relacionam com o cotidiano através da cultura, tradições, valores e experiências. As reproduções a nível estrutural não são completamente desconsideradas, mas entende-se que os sujeitos, que fazem sua própria história, não estariam apenas subordinados à reprodução ideológica ou às determinações econômicas e históricas de classe.

Eles reivindicam tradições e valores, se rebelam contra aqueles que os oprimem, promovem motins, se reconhecem e se identificam em determinadas condições e contextos históricos específicos. Homens e mulheres não fazem a história de maneira individual, mas coletivamente, em suas relações cotidianas no lar, no trabalho e no lazer. Essa é a notabilidade que alcança a obra de Thompson quando realça as ações coletivas de tecelões, meeiros e artesãos utópicos (THOMPSON, 1987a), ou quando resgata os sujeitos históricos em pleno movimento de resistência e de lutas e destaca a luta de classes mesmo em épocas em que a classe não esteja constituída (THOMPSON, 1984).

Por isso que a formação da classe não seria determinada somente pelas relações de produção, mas por um conjunto de elementos díspares que envolvem a vida cotidiana. A classe, dessa maneira, forma-se a partir de experiências vividas e percebidas, herdadas e compartilhadas, de sujeitos reais a partir das experiências cotidianas, articulando identidades e interesses comuns e opondo-se a interesses que conflitam com os seus (THOMPSON, 1987a). A classe é resultado da luta de classes, de uma consciência coletiva constituída pelas experiências compartilhadas. Em suma, a experiência é a categoria chave para compreender o modo como os sujeitos ressignificam sua consciência diante das estruturas da vida social.

Referências

ALEXANDER, J. C. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, jun. 1987.

ALVES, P. C. A teoria sociológica contemporânea. Da superdeterminação pela teoria à historicidade. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 1, jan./abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000100002. Acesso em: 29 nov. 2015.

AMADEU, J. Mapeando o marxismo. In: BORON, Atilio A.; AMADEU, Javier; GONZÁLEZ, S. (Orgs.). **A teoria marxista hoje**. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2007. pp. 48–101.

ANDERSON, P. **Teoria, política e história**: un debate con E. P. Thompson. Madri: editora Siglo, 1985a.

ANDERSON, P. **A crise da crise do marxismo**: introdução a um debate contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

ARRUDA, J. J. A. Experiência de classe e experimento historiográfico em E. P. Thompson. **Projeto História**, n.12, pp. 95–107, 1995.

BENSAÏD, D. Um olhar sobre a história e sobre a luta de classes. In: BORON, A. A.; AMADEU, J.; GONZÁLEZ, S. (Orgs.). **A teoria marxista hoje**. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2007. pp. 262–278.

CHAGAS, A. T. **O sujeito ideológico na perspectiva de Louis Althusser** – o assujeitamento. 2012. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0675.pdf> . Acesso em: 13 Out. 2016.

CHRISTOFFERSON, M. S. **French intellectuals against the Left**. The antitotalitarian moment of the 1970s. Nova York: Berghahn Books, 2004.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Edipro, 2011.

FORMAGIO, C. C. Sobre resistências populares e imprevistos: a trajetória de Edward Thompson e sua crítica ao marxismo estruturalista. **Sinais**, n. 21/2, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/view/15106>. Acesso em: 20 de abr. 2018.

FORTES, A.; NEGRO, A. L.; FONTES, P. Peculiaridades de E. P. Thompson. In.: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Orgs.). **E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Unicamp, 2001. pp. 21-57.

GALASTRI, L. O. A construção do bloco histórico: via jacobina e o “debate” com Georges Sorel nos Cadernos do Cárcere. **Lutas Sociais**, n. 23, pp. 80-92, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/07-leandro.pdf>. Acesso em: 25 de mar. 2017.

LANDER, E. Marxismo, eurocentrismo e colonialismo. In: BORON, A. A.; AMADEU, J.; GONZÁLEZ, S. (Orgs.). **A teoria marxista hoje**. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2007. pp. 222–260.

MARTÍN, P. B. Thompson versus Althusser. **Crítica Marxista**, n. 39, pp. 129–139, 2014.

MARTÍN, P. B. En torno a la polémica Thompson-Althusser (apuntes para una revisión). **Riff-Raff**, nº 3, pp. 19-23, 1994. Disponível em: https://www.academia.edu/4327035/En_torno_a_la_pol%C3%A9mica_Thompson-Althusser_apuntes_para_una_revisi%C3%B3n_. Acesso em: 13 Out. 2016.

MARTINS, S. A. As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, nº 2 (4), p. 113-126, agosto-dezembro/2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13539>. Acesso em: 29 nov. 2015.

MATTOS, M. B. Prefácio. In: MÜLLER, R. G.; DUARTE; A. L. **E. P. Thompson: política e paixão**. Chapecó: Editora Argos, 2012a.

MATTOS, M. B. **E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012b.

MATTOS, M. B. História e projeto social: A origem militante do debate sobre classes e luta de classes na obra de E.P. Thompson. **VII Colóquio Internacional Marx e Engels**. 2012c. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6638_Badaro_Marcelo.pdf. Acesso em: 4 de jan. 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista 1848**. Porto alegre: L&PM, 2001.

MELO JUNIOR, J. A. C. C. A noção de experiência histórica e social em Edward Thompson: percursos iniciais. **História e Perspectivas**, Uberlândia (1), pp. 393-413, jan./jun. 2014. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/download/27937/15399. Acesso em: 29 nov. 2015.

MERRIL, M. Uma entrevista com E. P. Thompson. **História e Perspectivas**, Uberlândia (1): 417-445, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/27919>. Acesso em: 11 de fev. 2017.

MOTTA, L. E.; SERRA, C. H. A. A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im)pertinentes. **Revista de Sociologia e Política**, v. 22, n. 50, pp. 125-147, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782014000200009. Acesso em: 9 Jan. 2017.

MÜLLER, R. Exterminismo e a política como teatro em E. P. Thompson. **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom. <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ricardo%20Gaspar%20Muller.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2016.

MÜLLER, R. E. P. Thompson e a Miséria da Teoria: razão e apatia. **37º Encontro Anual da Anpocs**, 2013. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/37-encontro-anual-da-anpocs/st/st11/8456-e-p-thompson-e-a-miseria-da-teoria-razao-e-apatia>. Acesso em: 20/01/2016.

PALMER, B. D. **Edward Palmer Thompson**: objeções e oposições. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

REIS, E. Comentários ao ensaio “o novo movimento teórico” de J. C. Alexander. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.2, n.4, jun. 1987.

SEWELL Jr., W. M. How classes are made: critical reflections on E. P. Thompson’s Theory of working – class formation. In: KAYE, H. J. & MCCLELLAND, K. (Eds.). **E. P. Thompson: critical perspectives**. Cambridge, Polity Press, 1990, pp. 50-77.

SILVA, C. M. **Classes Sociais**: condição objectiva, identidade e ação colectiva. ed. 1. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2009.

THERBORN, G. Análise de classe no mundo atual: o marxismo como ciência social. In: HOBBSAWM, E. (Org.). **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989, pp. 389-439.

THOMPSON, E. P. Agency and Choice. **The New Reasoner**, 5, p. 88-106, Summer 1958.

THOMPSON, E. P. “Modes de Domination et Révolution em Anglaterre”. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, n. 2/3, pp. 133-151, juin 1976.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **Tradición, revuelta y consciência de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona: Crítica, 1984.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. I, 1987a.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. III, 1987b.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. In.: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Orgs.). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Unicamp, 2001.

VENDRAMINI, C. R. Experiência e Coletividade em E. P. Thompson. **Revista Esboços**, n. 12, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/344>. Acesso em: 29 nov. 2015.

VITORINO, A. J. R. Notas sobre a teoria da formação de classe de E. P. Thompson. **Revista História Social**, n. 4/5, pp. 157-173, 1998.

WOOD, E. M. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.